

A formação da etnicidade teuto-brasileira a partir da articulação do Sínodo Rio-grandense

The formation of German-Brazilian ethnicity based on the articulation of the Rio-Grandense Synod

RESUMO:

Este artigo aborda como a influência da formação dos Sínodos no Sul do Brasil, especialmente o Rio-Grandense, auxiliaram na ressignificação da comunidade luterana composta de descendentes de imigrantes alemães, mobilizando-os em prol do fomento da etnicidade teuto-brasileira. Como categoria de análise utilizou-se o conceito de etnicidade proposto por Fredrik Barth (2003). Como metodologia foi utilizada a coleta e análise de documentos em escritos de historiadores e pastores que abordaram o contexto do desenvolvimento do Sínodo Rio-Grandense. Para isso, foi realizada uma análise de conteúdo de tais escritos. A coleta e análise destes documentos ocorreram de forma sistemática, a partir das leituras se realizou uma seleção dos trechos que se adequavam ao tema proposto para este artigo. A institucionalização dos sínodos, especialmente o Rio-Grandense, foram um importante fator para o fomento da etnicidade teuto-brasileira.

Palavras-chave: Etnicidade. Teuto-brasileiros. Sínodo Rio-Grandense. Pastores luteranos.

ABSTRACT:

This article discusses how the influence of the formation of the Synods in the South of Brazil, especially the Rio-Grandense, helped to re-signify the Lutheran community composed of descendants of German immigrants, mobilizing them in favor of the promotion of German-Brazilian ethnicity. As analysis category, the concept of ethnicity proposed by Fredrik Barth (2003). The methodology used was the collection and analysis of documents in the writings of historians and pastors who approached the context of development of the Rio-Grandense Synod. The collection and analysis of these documents occurred systematically; a selection of the excerpts that fit the theme was made of those that fit the theme proposed for this article. The institutionalization of synods, especially Rio-Grandense, were an important factor for the promotion of the German-Brazilian ethnicity.

Keywords: Ethnicity. German-Brazilians. Rio-Grandense Synod. Lutheran pastors.

Fernando Diehl¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: fernandodiehl@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a formação da etnicidade teuto-brasileira no Sul do Brasil a partir da formação dos Sínodos – especialmente o Rio-Grandense – e como estes auxiliaram na ressignificação da identidade étnica teuto-brasileira. Como ideia central para a análise o artigo utilizou-se o conceito de etnicidade proposto por Fredrik Barth (2003). Este categoriza o fenômeno em três níveis analíticos distintos: micro, médio e macro. Tal divisão ocorre apenas para que possa ser mais bem compreendido e analisado o fenômeno no contexto pesquisado, pois os três níveis encontram-se em interdependência. O nível micro, tem como foco os processos subjetivos que produzem a experiência e a formação de identidades étnicas, analisa as pessoas e suas interações para com outros (BARTH, 2003). Consequentemente este nível busca verificar as experiências resultantes da aceitação ou rejeição de símbolos de pertencimento étnico, assim como as relações sociais cotidianas, tais símbolos formam a consciência que o indivíduo tem de sua identidade étnica.

O nível analítico médio, pretende verificar os processos que criam a comunidade e que mobilizam grupos para diversos propósitos utilizando-se de vários meios para isso. É neste nível analítico que se desenvolve a articulação dos indivíduos para com o coletivo étnico, no nível médio pode-se perceber o movimento destes grupos e suas fronteiras de diferenciação em ação. Neste sentido, cada coletividade possui a sua dinâmica de reprodução do grupo de forma particular. Barth alega que, no nível analítico médio:

os processos intervêm para forçar e constringer a expressão e atividade das pessoas no nível *micro*; são impostos pacotes negociais ou escolhas binárias, e são formados muitos aspectos das fronteiras e dicotomias da etnicidade. Muitas das análises fazem apenas referências ad hoc a este nível de contextos e constrangimentos, em vez de os modelar sistematicamente, tendendo, portanto, a obscurecer os pressupostos acerca da agência e da estrutura nos quais essas análises e interpretações se baseiam. (BARTH, 2003, p. 31)

O nível analítico médio busca compreender os processos que criam e mantém a comunidade e que articula os indivíduos como um grupo e os mobiliza. Este nível é importante para analisar a articulação da ação política dos grupos étnicos.

Por fim, o nível analítico macro, busca compreender as políticas estatais, ou seja, a burocracia e leis que distribuem direitos e proibições de acordo com critérios formais,

mas também o uso da força do Estado (BARTH, 2003). É no nível macro que deve ser analisado os aspectos do nacionalismo e do confronto com minorias étnicas que não são “assimiladas”, visto que muitas vezes as ideias de nacionalismo exacerbado subjagam sutilmente algumas das etnicidades presentes em grupos minoritários, em especial os imigrantes. Há neste nível analítico, o interesse em analisar o processo de controle e a manipulação da informação e do discurso público por parte dos Estados, assim como também discursos globais de muitas organizações transnacionais como ONGs e outras instituições (BARTH, 2003). Cabe destacar que este artigo enfatiza o segundo nível analítico, aquele denominado de “médio”, pois analisamos os sínodos luteranos, isto é, instituições religiosas e o fomento da etnicidade por parte destas. Tal categorização de Barth é articulada em conjunto com a interpretação de Steve Fenton (2003) para o conceito de etnicidade. Fenton compreende este conceito como sendo a mobilização que os atores de um grupo étnico fazem acerca de sua ascendência cultural e o significado que eles atribuem a esta. Como metodologia, para este artigo, foi utilizada a coleta de documentos em escritos de historiadores e pastores que abordaram o contexto de desenvolvimento do Sínodo Rio-Grandense, entre os documentos estão os escritos de: Amstad (2005), Dreher (2014a), Fischer (1976a; 1967b), Rotermund (1997; 1928), Witt (2015) e Witt (1996). Para isso, foi realizada uma análise de conteúdo de tais documentos. A coleta, verificação e análise destes documentos ocorreram de forma sistemática, a partir das leituras foi realizada uma seleção dos trechos e discussões que se adequavam ao tema proposto para este artigo.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Com a unificação dos até então estados independentes e a criação da Alemanha, em 1871, a vitória na guerra franco-prussiana foi celebrada em cultos e floresceu um orgulho nacional entre muitos dos (agora) alemães. Pregadores alemães e comunidades de descendentes dos colonos no Novo Mundo também passaram a cultivar de forma mais exacerbada o caráter germânico em suas pregações e na vida colonial cotidiana, a partir disso, “o aniversário do imperador alemão passa a ser celebrado em cultos festivos. Esta mudança na atitude dos pastores veio a manifestar-se plenamente no período sinodal. Faltava-lhes uma organização na qual pudessem agir em favor da preservação da

germanidade” (DREHER, 2003, p. 70). Até então, as igrejas protestantes nas colônias alemãs eram independentes. Quando houve a institucionalização dos sínodos, especialmente o Rio-Grandense, é que surgiu um fomento sistemático de uma germanidade “unificada” nas colônias alemãs. Pois com o Sínodo, foi possível organizar as diretrizes eclesiásticas e também constituir uma uniformidade étnica entre os “alemães”, até então fragmentados em pequenos grupos do período anterior à emigração quando ainda não existia a “Alemanha”.

Após a unificação da Alemanha, a partir do entusiasmo de alguns intelectuais alemães, produziu-se estratégias para que pudesse ser exercido culturalmente o *ethos* pangermanista em terras para além da Europa, e com isso estimular um futuro mercado consumidor para os produtos industrializados alemães. Os meios mais propícios para isso, fora a ação direta do Estado, foram a religião e a escola. Por isso, intelectuais começaram a produzir obras literárias para incentivar a promoção de emigração de pastores, professores para as terras brasileiras. Destas obras resultaram, relatórios que descreviam a situação geográfica, cultural (especialmente religiosa) e política da América do Sul. O pastor doutor Friedrich Fabri foi uma figura importante na promoção do envio de pastores para o Brasil, Fabri foi propagador da tese da *Deutschtum*² e via no Sul do Brasil, o local ideal para a manifestação de uma germanidade “primitiva” e sem as máculas da Modernidade. Para Fabri, as colônias alemãs na América do Sul consumiriam os produtos industriais da Alemanha, e com isso, permitindo que esta concorresse com as outras potências europeias. Fabri trabalhou por muitos anos junto à Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América (DREHER, 2003), também conhecida como Sociedade Evangélica de Barmen, que inicialmente foi dirigida pelo próprio Fabri. Em 1881, a sede da Sociedade Evangélica foi transferida para Langenberg,

e assumiu a tarefa de enviar pastores formados e ordenados para atender os alemães evangélicos da América do Norte e do Sul. No decorrer dos anos, a Sociedade enviou para a América do Norte e do Sul, bem mais do que 100 pastores e muitos professores. As despesas de viagem dos pastores e professores foram, em grande parte, levantadas por essa Sociedade, através de seus agentes que procuravam despertar o interesse pela obra. Esse trabalho fez com que círculos novos, sempre mais amplos da Alemanha, se interessassem pelo trabalho da nossa Igreja. (AMSTAD, 2005, p. 532)

² Germanidade, tradução livre.

Após a morte de Friedrich Fabri, a Sociedade manteve sua intenção original de proporcionar assistência eclesiástica às comunidades evangélicas no exterior. “Pode-se, entretanto, notar que sempre mais peso vai ser dado ao aspecto da preservação da língua, dos costumes e da maneira de ser alemão” (DREHER, 2003, p. 80), isto é, o fomento da etnicidade. O apoio ao trabalho dos pastores era para que os teuto-brasileiros não viessem ser *abrasileirados*, ou seja, não ocorresse a sua “assimilação” como no caso dos alemães que emigraram para os Estados Unidos. Segundo a ideia de pastores entusiastas com o ideal *pangermanista*, sem o evangelho também não existiria ali, a longo prazo, a germanidade (DREHER, 2003). Pois, como professou o pastor doutor Wilhelm Rotermund, principal fundador do Sínodo Rio-Grandense, “Igreja e Germanidade estão ligados na vida e na morte”. Com esse projeto encabeçado por alemães idealistas e a mobilização decorrente da fundação dos sínodos, a articulação da promoção da germanidade era iniciada no seio teuto-evangélico. Portanto, constitui-se um sentido (FENTON, 2003) na inter-relação da germanidade e luteranismo para muitos setores alemães e teuto-brasileiros. Ambas ressignificavam um sentimento de pertencimento e uma origem em comum (WEBER, 2009) para o grupo étnico.

O pastor doutor Wilhelm Rotermund descreve que o pensamento vigente acerca dos pastores que atuavam no Brasil durante o período pré-sinodal era de que

‘A Alemanha nos mandou o refugo, sempre tivemos que aceitar o refugo’, disse certa vez, amargurado, um colono. É natural que essas pessoas primeiro procurassem um lugar para viver em Porto Alegre. Carl von Koseritz, muito considerado como redator da “Deutsche Zeitung” e deputado estadual, disse-me certa vez: ‘Quando tais pessoas que não conseguiam emprego nem como lavadores de garrafas me falaram de sua miséria, dava-lhes o conselho: vá para a colônia e torne-se professor ou pastor. É o mais simples e o mais fácil’. Um católico que na época escrevia relatórios a respeito de nosso país, diz com razão: “Entre os protestantes há uma espécie de anarquia que é fomentada por alguns sujeitos que a consideram altamente propícia a sua carteira”. (ROTERMUND, 1997, p. 250)

Este discurso de existir uma situação de “anarquia” no período pré-sinodal foi utilizado pelos pastores com formação acadêmica como justificativa para estimular a formação de um sínodo que os unificaria. Até então como muitos dos pastores não se fixavam nas colônias, devido a seu trabalho intermitente, dificilmente poderia ser cultivada uma germanidade entre os colonos nas congregações evangélicas. Portanto, é apenas na fase do período de constituição dos sínodos que se pôde constatar a gênese de

um interesse pela preservação desse caráter germânico. “Isso se evidencia em personalidades como Hermann Borchard e, especialmente, Wilhelm Rotermund, mas também em alguns egressos da Casa de Missão de Barmen, alunos de Friedrich Fabri” (DREHER, 2003, p. 69). Consequentemente, é no período pré-sinodal que, paulatinamente, começou a se delinear a tentativa de mobilização da etnicidade.

A Sociedade Evangélica enviaria 94 pastores e 23 professores para o Rio Grande do Sul. Hermann Borchard – que emigrou para o Brasil em 1864 – colocou estes pastores em áreas por ele consideradas estratégicas para o fomento da germanidade: “Picada 48, Linha Nova, Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Ferraz, Dois Irmãos, Mundo Novo (hoje Taquara, Igrejinha e Três Coroas), Santo Ângelo (Agudo), São Lourenço do Sul, Forromeco (São Vendelino e Feliz)” (DREHER, 2014b, p. 148). Hermann Borchard considerava que a atual geração estava “perdida” para a causa, a esperança estava na futura geração, ainda mais as que frequentassem as escolas étnicas evangélicas. Por isso, o investimento na educação era algo importante. Borchard estabeleceu que todos os pastores que imigravam deveriam criar e manter escolas para a população teuta. Além disso, “passou a estabelecer contato com os professores que aqui já atuavam. Em 1868, obteve o envio de uma professora (Stein) e de um professor (Dr. Stahl) para São Leopoldo. Com eles criou uma ‘escola superior’” (DREHER, 2014b, p. 148).

Pode-se considerar que Hermann Borchard é, um dos primeiros pastores a sonhar com um nacionalismo germânico no Rio Grande do Sul, e acreditava que isso viria a fortalecer a nacionalidade alemã, visto que, com o fomento do pangermanismo, os teuto-brasileiros consumiriam os produtos industrializados da Alemanha, a Pátria-Mãe. Por isso, com sua intermediação, a imigração de pastores e professores alemães ideólogos do pangermanismo para o Rio Grande do Sul seria mais bem organizada. Borchard tentou fazer com que os alemães não emigrassem para os Estados Unidos; mas sim ao Brasil. “Para Borchard, o Brasil, especialmente o Rio Grande do Sul, era o país que oferecia as melhores condições para a preservação da ‘nacionalidade alemã’” (DREHER, 2003, p. 70). Borchard acreditava que “enquanto na América do Norte os alemães se amalgamam rapidamente com a raça anglo-saxônica, a nacionalidade alemã aqui se conservou pura há quarenta anos e continuará pura em virtude da diferença do caráter germânico e português” (DREHER, 2003, p. 70), já que os anglo-saxões tinham características

semelhantes aos teutos, diferente dos luso-brasileiros, pois para Borchard, a diferença entre portugueses e teutos dificultaria a assimilação dos germânicos.

Borchard exerceu a função pastoral em São Leopoldo, no período de 17 de abril de 1864 até 28 de julho de 1870, buscou constituir uma unidade entre as comunidades evangélicas nas colônias alemãs. Para isso, Borchard começou a trabalhar na criação de uma associação sinodal. Nos dias 10 e 11 de fevereiro de 1868, “sob a direção de Borchard, foi criado, em São Leopoldo, o primeiro Sínodo Evangélico no estado do Rio Grande do Sul (Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio Grande do Sul)” (WITT, 1996, p. 47), cuja ênfase na *kultur* alemã consta expressamente em seu nome. Na sua fundação,

A assembleia foi realizada nas dependências da Sociedade “Orpheus”. O Dr. Borchard, que presidia a reunião, apresentou esboço de estatuto, que foi muito questionado pelos pastores mais velhos, Haesbaert e Stanger, e aprovado com muitas alterações. O que mais chocou foi o parágrafo 2º: O Sínodo Evangélico Alemão da Província R. Grande do Sul filia-se no tocante à doutrina, culto e disciplina à Igreja Evangélica da Alemanha, especialmente da Prússia, e reconhece o Conselho Superior Eclesiástico Evangélico de Berlim como sua autoridade máxima. As razões da oposição à filiação à Igreja Territorial da Prússia provinham do fato de a Prússia, em 1866, haver liderado a “guerra fratricida”, e contra a filiação ao Conselho Superior Eclesiástico Evangélico apontou-se a grande distância, o que faria prever que a direção daquela autoridade não viria a se constituir em bênção. O Dr. Borchard ficou visivelmente decepcionado e irritado ao não conseguir fazer passar a filiação, apesar de todos os esforços. No mais, as negociações transcorreram a contento. O Dr. Borchard foi eleito presidente do Sínodo e o Pastor Kleingünther secretário. (ROTERMUND, 1997, p. 267)

Embora o Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio Grande do Sul tenha durado pouco tempo, até 1875, pode-se dizer que foi uma semente que germinou e influenciou na criação do futuro Sínodo Rio-Grandense.

Se em 1868 Hermann Borchard havia criado um primeiro Sínodo, que não vingou, coube a Wilhelm Rotermund, em 1886, realizar uma nova tentativa, esta que seria sucedida, “o Sínodo Rio-Grandense é o seu maior legado” (DREHER, 2003, p. 83). Desde sua fundação, o Sínodo Rio-Grandense buscou fomentar a imigração de pastores alemães com formação acadêmica, o que muitas vezes foi impossibilitado devido à falta de recursos da instituição (FISCHER, 1967b). Mas,

neste meio tempo, chegara ao país mais um bom número de pastores, nas pessoas dos pastores Wittinger, Haetinger, August Kaz e H. Thiesmann. No

ano de 1876, o número de pastores ordenados em atividade aqui subira para 16. Fora uma feliz ideia do Dr. Fabri convencer o Dr. Rottermund, que lecionara teologia durante um ano na Casa da Missão, de transferir-se para cá. Pouco tempo depois de sua chegada, assumiu a redação do “Boten von São Leopoldo”, do qual surgiu, em 1881, a “Deutsche Post”. Desta maneira, dispunha-se de um órgão capaz de veicular os interesses e as manifestações da população e das comunidades que sintonizavam com a ideia sinodal. O Dr. Rottermund empenhou-se também com todas as forças na promoção da escola. A Sociedade Evangélica enviara o professor Bieri para a escola de São Leopoldo. (AMSTAD, 2005, p. 536)

Wilhelm Rotermund foi um dos pastores mais atuantes no que se refere à institucionalização da Igreja Evangélica luterana em solo brasileiro. Criticou os pastores anteriores que não eram ordenados, os quais, para ele, mesmo que estes tivessem evitado o desaparecimento do protestantismo “junto às Colônias alemãs, eles optaram pelo pastorado, a fim de garantir ‘um meio confortável de vida’. Para ele, a missão pastoral não deveria se coadunar com outras atividades que comprometessem a vida ética e moral do pastor quanto da comunidade” (WITT, 2015, p. 85). Feito esse panorama, descreveremos a formação de alguns dos sínodos luteranos no Brasil.

A obra “Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul” (1924) tenta prever uma progressão geométrica acerca da conversão de novos teuto-evangélicos no Rio Grande do Sul, ao destacar que,

entre os anos de 1913 e 1923, o número de almas subiu de 85.595 para 120.015. De acordo com esses dados, o número de almas duplicaria de 20 em 20 anos. Examinamos, porém, um pouco mais de perto, as atividades estatísticas do Sínodo e constatamos que aqui e acolá são nomeadas pequenas comunidades não mencionadas em 1914, ou que não estavam filiadas ao Sínodo. Não há dúvida, entretanto, que a população alemã daqui dobra no espaço de 33 anos. Logicamente deveria trabalhar o dobro de religiosos em um número também dobrado de comunidades. Deste exemplo deduz-se que a tarefa do Sínodo irá crescer constantemente e terá que ser cumprida, caso se pretenda preservar aqui a vida evangélica. (AMSTAD, 2005, p. 550)

A obra também apresenta os dados acerca da porcentagem de católicos e evangélicos nas colônias, no período de 1924

em porcentagem temos 46% de católicos e 54% de protestantes. O total da população de descendência alemã de acordo com a presente tabela, acrescentados os 50 mil estimados, que pelas razões indicadas foram omitidos, chega a cerca de 340 mil indivíduos. Conforme as estatísticas oficiais devem residir 360 mil pessoas de origem alemã, nos 46 municípios denominados coloniais. Desconhecemos, entretanto, as bases sobre as quais o cálculo foi feito. (AMSTAD, 2005, p. 558)

Um pouco antes do período sinodal, organizações e sociedades alemãs começaram a se preocupar com as comunidades evangélicas no exterior (DREHER, 2003). Muitos pastores luteranos com formação acadêmica passaram a ter uma preocupação de caráter nacional germânico entre os seus fiéis nas colônias. Isso corroborou para a ressignificação da comunidade teuto-protestante. Após a unificação da Alemanha, em 1871, se intensificou o projeto de constituição de um mercado consumidor internacional para a indústria alemã em ascensão. O fomento da germanidade nas colônias alemãs no Novo Mundo seria uma forma de constituir este mercado consumidor.

Houve então um pastoreio mais intensivo e o patrocínio de organizações alemãs para o envio de apoio material e humano às comunidades teuto-evangélicas no Brasil. “Erich Fausel vê em Borchard aquele que fora predestinado ‘para inaugurar a história eclesiástica evangélica da germanidade rio-grandense e de algumas regiões vizinhas’” (DREHER, 2003, p. 59). Cabe salientar que, estes pastores que começaram a chegar após 1864, e chegaram até 1871, não eram “alemães”, eram cidadãos de Estados independentes. No entanto, “é, porém, provável que já tenham tido contato com a ideia de um Reino Alemão unificado, procurando influenciar suas comunidades nesse sentido. Uma série de relatos atesta que apenas o ano de 1871 provocou uma mudança no pensamento das comunidades” (DREHER, 2003, p. 59).

A guerra franco-prussiana despertou um entusiasmo entre os teuto-brasileiros, foram realizadas festas comemorativas à vitória alemã, “e cada família evangélica fez, em média, uma doação de dois mil réis para a Fundação Pró-Inválidos” (DREHER, 2003, p. 59). Somado a isso, para se intensificar a atividade eclesiástica entre os teuto-brasileiros nas colônias alemãs do Sul do Brasil, foi importante dar aos pastores alemães que imigravam para as colônias um “maior apoio espiritual e financeiro. Tal objetivo só podia ser alcançado, caso sociedades e associações intervissem em favor dos pastores emigrantes, ou caso fossem criadas sociedades e associações que possibilitassem um pastoreio eficaz no Brasil” (DREHER, 2003, p. 72). E com isso articular a unificação religiosa em prol da *kultur* e do nacionalismo germânico. Mas no final, a tentativa de conseguir apoio da Alemanha para o Sínodo de Borchard não vingou e, com isso, encerrou as atividades.

Posteriormente foram fundados quatro Sínodos: Sínodo Rio-Grandense (1886); Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados, mais conhecido como “Caixa de Deus” (1905); a Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina (1911) e; o Sínodo Evangélico Brasil Central (1912), os quais deram origem à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Entre estes, será descrito dois deles, os Sínodo Rio-Grandense e o Sínodo Luterano “Caixa de Deus”, por estarem mais relacionados à questão da germanidade no Sul do Brasil. O Rio-Grandense por de fato ter constituído esta política antes do período da Primeira Guerra Mundial, e o “Caixa de Deus” por ser, racionalmente pensando, o mais propenso a que se investisse na germanidade, mas que, no final, não houve uma ação sistemática em prol desta, apenas posteriormente durante a Primeira Guerra Mundial. Também será abordado o Sínodo de Missouri, que formou a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Este último será descrito pois rivalizou com o Sínodo Rio-Grandense na disputa por mais fiéis teuto-evangélicos nas congregações e comunidades independentes nas colônias, em especial no Rio Grande do Sul.

Não se pode desconsiderar a importância da articulação de classes sociais em ascensão no que tange à organização das igrejas evangélicas alemãs no Rio Grande do Sul. Rotermund (1997) descreve que, nas cidades, a direção das comunidades estava inicialmente nas mãos de artesãos e pequenos negociantes. Com o desenvolvimento do “comércio alemão”, assim como com o surgimento de fábricas sob direção alemã, “as comunidades foram se solidificando em razão da construção de igrejas, escolas e moradia de serviço. Os homens do comércio alemão sempre tiveram mão aberta para a igreja” (ROTERMUND, 1997, p. 272). Portanto, a promoção da germanidade poderia trazer benefícios também para classes teuto-gaúcha em ascensão, especialmente comerciantes e empresários. Feita essa explanação, descreveremos agora a articulação e atuação do Sínodo Rio-Grandense.

SÍNODO RIO-GRANDENSE

A criação do Sínodo Rio-Grandense não foi uma tarefa fácil, havia incertezas por parte dos pastores que já tinham presenciado o fracasso da iniciativa de Hermann Borchard, o Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio Grande do Sul. Por isso

muitos negaram o apoio à fundação do Sínodo de Rotermund. Houve a recomendação de primeiro ser tentado uma Conferência Pastoral para então tentar constituir o sínodo. Mas, no final, Rotermund conseguiu apoio necessário e seguiu com a empreitada. Nos dias 19 e 20 de maio de 1886, pastores e representantes leigos de comunidades luteranas do Rio Grande do Sul reuniram-se em São Leopoldo. “Eram 12 pastores, dois professores, nove representantes de comunidades e o Cônsul alemão Hellwig. Sua presença significava concordância com a criação da nova instituição” (DREHER, 2014a, p. 119). Esta abrangeu as colônias nas regiões de São Leopoldo e Lomba Grande; São Sebastião do Caí; Santa Cruz do Sul; Mundo Novo (Igrejinha); Santa Maria (da Boca do Monte); Baumschneids (Dois Irmãos) e Teutônia.

A fundação do Sínodo Rio-Grandense foi de suma importância, pois a partir de então, foi dada ao protestantismo do Rio Grande do Sul “a oportunidade de se apresentar como uma unidade diante das autoridades civis e assumir tarefas como o serviço de pregação itinerante, escolas e instituições da missão interna” (DREHER, 2003, p. 17). Ou seja, foi criada uma unidade na comunidade, inter-relacionando a identidade étnica, um nacionalismo alemão e a religiosidade, que com isso poderiam mobilizar o grupo para diversos propósitos, isto é, a mobilização da dimensão analítica de nível médio da etnicidade proposto por Fredrik Barth (2003). Tal instituição poderia dialogar com o Estado brasileiro - dimensão analítica *macro* -, portanto, o Sínodo mobilizaria – dimensão analítica médio – a comunidade étnica, constituindo assim um significado para esta ascendência cultural (BARTH, 2003; FENTON, 2003). Para isso, o Sínodo deveria ser aceito nas comunidades das colônias, conseqüentemente, um dos motivos do fortalecimento do Sínodo Rio-Grandense foi a “pregação itinerante enquanto iniciativa da Igreja que visava seguir as pegadas dos colonizadores, oferecendo-lhes a companhia do evangelho e reunindo-os em comunidades” (WITT, 1996, p. 7). Os pregadores itinerantes foram importantes agentes de divulgação daquele sínodo nas comunidades independentes entre as colônias.

A obra “Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul” (2005) glorifica a formação do Sínodo Rio-Grandense enquanto institucionalização do protestantismo no Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que menospreza as experiências anteriores. Pode-se perceber isso em trechos como: “somente no ano de 1886, quando os protestantes se reuniram no Sínodo Rio-Grandense, a cura de almas entre eles adquiriu um melhor

ordenamento” (AMSTAD, 2005, p. 507). Esta ideia de que, a institucionalização e organização de um Sínodo seria o melhor para a população teuto-brasileira, tornou-se um discurso recorrente entre pastores com formação acadêmica que emigravam para o Brasil, assim como entre aqueles que já atuavam no país. O pastor doutor Wilhelm Rotermund não estava alheio aos acontecimentos, por isso reconhecia que, era necessário que os luteranos estivessem reunidos em uma organização que os pudesse representar. “Isolados como estavam em congregações independentes jamais obteriam vitória. Era necessário superar resistência de parte de pastores que haviam experimentado o fracasso da organização fundada por Hermann Borchard em 1868” (DREHER, 2014a, p. 116). Rotermund viu na constituição do Sínodo Rio-Grandense, a mobilização do nível analítico médio, a forma do seu grupo étnico conseguir reivindicar suas causas frente ao Estado nacional brasileiro.

O Sínodo era “pouco mais que uma associação de comunidades que lutava por conseguir a confiança das comunidades. Não tinha os recursos financeiros para assumir grandes tarefas. Não havia contribuições da parte das comunidades para a tarefa do Sínodo” (DREHER, 2003, p. 90), que só conseguia recursos a partir das coletas feitas durante os Concílios Sinodais. O Sínodo assumiu algumas tarefas, entre essas “enfrentou problemas como o acompanhamento de imigrantes, fundou um seminário para formação de professores, criou um pastorado itinerante e um hinário próprio para as comunidades” (DREHER, 2003, p. 90), assumindo também três escolas: o Collegio Independência, fundado por Rotermund, a Fundação Evangélica em Hamburgo Velho e o Colégio Sinodal em Santa Cruz do Sul (DREHER, 2003). A falta de recursos próprios e, por consequência, a necessidade de solicitar doações, era o que fazia com que as comunidades independentes vissem com olhos receosos o Sínodo, questionando quais benefícios aquelas ganhariam com a filiação.

A questão escolar foi bastante importante no período da institucionalização do Sínodo Rio-Grandense, pois, a partir da articulação de pastores membros do Sínodo, emigraram professores e também vieram recursos da Alemanha para a capacitação nas escolas comunitárias. Por isso, estimulavam que os colonos mantivessem os seus alunos nas escolas étnicas, mas muitas vezes, grande parte dos colonos preferiam colocar os filhos nas escolas públicas, quando esta opção existia na região. Os relatórios dos primeiros anos do Sínodo Rio-Grandense confirmam que “a situação escolar era bastante

precária. Por isso, não podemos ver, ao menos no período pré-sinodal, na fundação de escolas por parte das comunidades, uma contribuição consciente para a preservação da germanidade” (DREHER, 2003, p. 61). Os primeiros pastores alemães que chegaram ao Brasil investiram na educação desde o começo, mas de forma precária. Com a imigração dos *brummer*³ surgiu um melhor investimento nas escolas, mas ainda abaixo do esperado. Esta situação viria a melhorar com o envio de professores, e recursos, que chegaram ao Brasil paulatinamente após 1850, e na qual se intensificou após a queda de Otto von Bismarck, em 1890.

Em “Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul” há uma ideia romantizada acerca da “união pela germanidade”. Tal questão pode ser percebida em trechos como: “empenhou-se na obra das escolas alemãs: grandes e pequenos, colonos, artesãos, comerciantes e industrialistas, leigos e religiosos. Em resumo, a escola constitui-se no monumento mais belo e mais útil edificado pelos alemães do Rio Grande do Sul” (AMSTAD, 2005, p. 504). Na verdade, é a partir de 1864 (DREHER, 2003) que de fato começa a ocorrer um melhor investimento na educação.

A mesma obra também apresenta uma esperança na escola “alemã”, sendo a mesma considerada como um importante instrumento de preservação da germanidade no Brasil.

Resumindo agora o que foi dito, é lícito afirmar sem falsa modéstia: também os alemães de confissão evangélica realizaram algo de grande em favor da escola durante os cem anos que passaram. Desejamos para o segundo século, que nós, alemães, que agora nos inserimos na nova pátria brasileira, não paremos, mas, num esforço permanente em favor da escola, demos um passo vigoroso a mais, em direção ao fortalecimento e preservação da nossa germanidade na pátria brasileira. Almejamos também que cada comunidade e cada um em particular compreenda, cada vez com maior clareza, que somente através de boas escolas é possível transmitir às crianças o que necessitam para a vida e, desta maneira, estarem em condições de ocupar plenamente o seu lugar em seu próprio proveito e do país que os acolheu, ou a seus pais com tanta simpatia. (AMSTAD, 2005, p. 498)

O trecho ilustra o contexto em que está inserida a obra “Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul”. Esta relata o trabalho dos teuto-brasileiros em prol da pátria brasileira, ao mesmo tempo em que articula frente ao Estado Nacional o direito da

³ Primeiro grupo de imigrantes alemães que buscaram desenvolver uma *kultur* alemã entre os colonos. Eles eram provenientes de grupos que emigraram após o fracasso revolucionário de 1848 nos Estados alemães independentes (DREHER, 2014a; 2014b; 2003; AMSTAD, 2005).

preservação da sua etnicidade. Apresenta-se assim, uma manifestação documental da dimensão analítica macro da etnicidade.

Também deve-se destacar a elaboração de materiais didáticos para as escolas étnicas, muitos desses enviados da Alemanha. Contudo, houve também uma produção local, como por exemplo os oriundos da gráfica Rotermund, do próprio Wilhelm Rotermund. Durante o período do final do século XIX e início do século XX, a mesma foi crucial para a produção de livros didáticos para as escolas (ROTERMUND, 1928), assim como de almanaques e jornais étnicos. Outra questão a ser destacada é que,

um dos principais méritos do Sínodo Rio-Grandense relativo à escola, foi a fundação de um Seminário próprio para a formação de professores. Depois de duas tentativas, uma em São Lourenço e outra no Asilo Pella, partiu-se para a fundação de uma instituição de formação de professores em Santa Cruz. No início estava ligada à Escola Sinodal, mas depois de apenas um ano foi transformada num Seminário para Professores autônomo. Nos dez anos de sua existência já se contam 37 eficientes professores coloniais por ele formados. Considerando que o professorado evangélico tem um ponto de convergência na Associação dos Professores Evangélicos Alemães e dispõe de um periódico próprio, “Deutsche Lehrerzeitung” (Jornal do Professor), a escola evangélica alemã pode olhar com confiança para o futuro. (AMSTAD, 2005, p. 496)

A obra “Cem anos de Germanidade” conclui a parte em que trata da dimensão da educação de forma idealista, constatando que “enquanto persistir e florescer a escola alemã no Rio Grande do Sul, a germanidade não naufragará entre nós” (AMSTAD, 2005, p. 505). Neste sentido, a educação, junto com a religião, era vista pelo Sínodo Rio-Grandense como um dos alicerces para o fomento da germanidade.

Quando despontou a Primeira Guerra Mundial, a relação entre germanidade, luteranismo e nacionalismo (alemão) tornou-se mais evidente. Inicialmente, as atividades do Sínodo puderam continuar a ser exercidas costumeiramente. As comunidades teutas, eram simpáticas ao lado da Alemanha na Guerra, e “os pastores celebravam cultos de intercessão. Rotermund também se dirigiu às comunidades, pedindo que na oração final dos cultos houvesse intercessão, rogando por final honroso na guerra em prol da Alemanha e de sua população” (DREHER, 2014a, p. 137). Conforme a Guerra foi progredindo, o Sínodo Rio-Grandense passou por grandes dificuldades, pois

defrontou-se com uma situação difícil: até aquele momento dependera do auxílio substantivo da Pátria e nele se apoiava. Este agora fora totalmente suspenso e aqui começou uma campanha contra tudo que é alemão. A conjuração das mentiras não perdeu a ocasião para semear também aqui a má

semente que germinou sem tardar. Depois da noite de incêndios em Porto Alegre, 16 de abril de 1919, os superpatriotas orientaram suas ações contra as igrejas e as escolas. Professores e clérigos estavam em perigo de pararem na prisão, enquanto exerciam as suas funções. Muitas escolas coloniais foram simplesmente fechadas e o trabalho de muitos anos parecia perdido. Parecia que a hora da morte também soara para as nossas escolas comunitárias evangélicas. O que adiantou a ação de homens e associações isoladas. Foram silenciados ou simplesmente repelidos. (AMSTAD, 2005, p. 546)

Neste período, houve uma mobilização e

a diretoria do Sínodo teve a coragem de expor ao governo, numa audiência, a situação da Igreja Evangélica. Graças à boa vontade do governo do Estado, encontrou-se a via pela qual a Igreja Evangélica alemã pôde caminhar durante esta época da guerra. O Sínodo firmou um acordo que nos permitiu, prosseguir, embora com restrições, em nossas obras durante a guerra. Embora os superpatriotas se esforçassem no sentido de fazer o governo mudar de posição, nada conseguiram. Ele manteve-se fiel ao compromisso. Nós, evangélicos, devemos gratidão por essa grande ação do governo do Estado. O que teria impedido o governo de, a exemplos de outros aliados, confinar os religiosos, os professores, os líderes da germanidade no país e confiscar as propriedades dos cidadãos alemães? Não o fez e, além disso, manteve a proteção prometida. (AMSTAD, 2005, p. 547)

A obra minimiza a influência do Estado brasileiro contra a comunidade teuta durante a Primeira Guerra Mundial, percebe-se isso em trechos como: “graças à boa vontade do governo do Estado”, por exemplo. Durante a Guerra o uso da língua alemã foi proibido quando o Brasil declarou guerra contra a Alemanha. Houve casos de perseguição aos teutos, mas após o término do conflito, voltou a ser permitido falar em alemão nos espaços públicos. Cabe ressaltar a importância de Wilhelm Rotermund enquanto articulador junto ao Estado brasileiro visando a proteção da população teuto-brasileira. Com sua atuação, os pastores puderam fazer as leituras dominicais em alemão, mas não a pregação. E isto foi uma conquista importante, pois o alemão não era apenas a língua falada nos cultos, mas na vida cotidiana das colônias. A mobilização de Rotermund no período da Primeira Guerra Mundial em prol da comunidade teuto-protestante apresenta os três níveis da etnicidade em ação (BARTH, 2003): micro, a atuação de Rotermund enquanto agente encarregado de negociar com o Estado; médio, esta ação só foi possível pela existência do Sínodo Rio-Grandense, uma instituição que visava mobilizar a comunidade teuto-luterana; macro, a negociação com o Estado Nacional brasileiro, na qual buscava-se assegurar direitos do seu grupo étnico.

Entre as produções literárias do Sínodo Rio-Grandense, destaca-se a elaboração de almanaques e folhas dominicais de grande circulação entre as colônias e cidades gaúchas.

O Sínodo Rio-Grandense dispõe de seu órgão próprio na “Rio Grandenser Sonntagsblatt” (Folha Dominical Rio-Grandense), no seu 38º ano. Nas suas edições semanais traz notícias sobre a vida do nosso Sínodo e de suas comunidades. A Folha conta com mais de 2,7 mil assinantes e é impressa em Hamburgo Velho. O pastor Pechmann foi, durante muitos anos, o redator e o pastor Kreutzer, o tesoureiro. A fim de despertar em anos passados o interesse pelas missões entre os pagãos, saía mensalmente uma folha ilustrada suplementar sobre as missões e mais tarde a folha mensal “Stille Stunden” (Horas silenciosas), editada pelo pastor Halle de Ijuí. Essa folha foi assumida pelas autoridades das missões internas do nosso Sínodo, sendo periodicamente publicada com uma tiragem de 2 a 3 mil exemplares. A folha destina-se, em primeiro lugar, para aqueles que não têm acesso às prédicas e se encontram fora do alcance das nossas comunidades. (AMSTAD, 2005, p. 548)

As folhas eram um importante meio de sistematização do fundamento normativo da ação social étnica, pois elas circulavam para a população teuto-brasileira. A Diretoria do Sínodo enviava, de tempos em tempos, informações administrativas impressas como manuscritos, aos pastores do Sínodo, a fim de orientá-los em seus trabalhos (AMSTAD, 2005, p. 549). A circulação deste material auxiliou no processo de constituição da etnicidade teuto-luterana, tanto as folhas quanto as informações administrativas buscavam constituir uma unidade eclesial, étnica e cultural. O Sínodo Rio-Grandense possibilitou o processo que criou a comunidade étnica (BARTH, 2003), mobilizando os atores do grupo (FENTON, 2003) para os propósitos de manutenção da germanidade, do luteranismo e dos interesses do grupo étnico.

De grande importância para o Sínodo Rio-Grandense foi a articulação dos pastores itinerantes enquanto propagandistas do Sínodo e agentes de fomento da etnicidade. Desde o começo da colonização muitos dos pregadores transitavam entre as diversas comunidades nas regiões coloniais com a finalidade de realizar trabalhos eclesiais, prática que continuaria no período sinodal. Em uma carta do pastor Johannes Rudolf Dietschi à 5ª Reunião Sinodal Ordinária do Sínodo Rio-Grandense⁴ de 13 de abril de 1891, há uma conclamação da figura do pastor viajante que caminha junto da sua comunidade, alertando que isso em breve mudaria, com a chegada em massa de muitos pastores da Alemanha. Por isso, os “alemães” no Brasil deveriam se manter firmes e aguardarem esse momento.

⁴ FISCHER, 1967a, Documento 4, p. 43, tradução livre.

O trabalho foi se “intensificado, pois era o desejo dos obreiros pastores, de modo especial, que comunidades fossem criadas e filiadas ao Sínodo. Isto exigiu dos pastores um empenho no acompanhamento dos que migravam e imigravam no estado do Rio Grande do Sul” (WITT,1996, p. 49). O pastor Friedrich Wilhelm Mühlinghaus que exerceu o pastorado em São João do Montenegro de 1886 a 1893, relata que

“De nada adiantaram os insistentes pedidos dos imigrantes pomeranos para serem assentados próximos uns dos outros. A recomendação do Sr. Finger ao diretor da colônia foi no sentido de que ‘essas pessoas têm que ser dispensadas para que possam ser melhor domadas, pois são piores do que o gado’. Nesta dispersão no assentamento dos imigrantes o P. Mühlinghaus viu um perigo para a preservação da germanidade e da fé evangélica.

“Com esse fato cruel, portanto, começou-se não somente a minar e até lhes tirar a sua germanidade, mas também, sobretudo, a lhes roubar a sua fé evangélica, a qual guardam com grande fidelidade”. (MÜHLINGHAUS, 1890, p.2 apud WITT,1996, p. 50)

A 5ª Assembleia Sinodal, que se reuniu em São Sebastião do Caí dos dias 22 a 25 de abril de 1891, criou o cargo de pregador itinerante. Os pastores com formação acadêmica que emigravam para o Brasil tinham como objetivos:

ir ao encontro dos evangélicos dispersos e ajudar a preservar sua fé e sua cultura germânica; não repetir o erro das igrejas evangélicas na Alemanha que abandonaram os emigrantes que se dirigiram ao Brasil; servir de apoio nas situações difíceis – esta era a missão a que se propunham repetidas vezes os pastores do Sínodo e para a qual pleiteavam a instituição da pregação itinerante. (WITT,1996, p. 64)

Na promoção da atuação itinerante de alguns pastores, percebe-se a observação calorosa escrita pelo pastor Dedeke de Ijuí,

‘Ultimamente, a consciência alemã no nosso estado se faz sentir de maneira especial. Em toda parte, existem e surgem clubes alemães: clubes de atiradores, de cantores, de ginástica, de combatentes, de lanceiros, de remadores e clubes sociais. Os clubes semelhantes se unem em grandes associações. O nosso Sínodo é a associação de comunidades alemãs evangélicas, a qual, além do seu significado especial para a promoção de vida cristã, evangélica, alemã, também tem seu significado nacional. Certamente se pode afirmar que o nosso Sínodo é a única associação alemã que também assiste os membros dispersos da estirpe, primeiramente através da pregação missionária ou itinerante, entre outras formas. Todos os que se sentem alemães e que defendem a conservação da germanidade deveriam demonstrar também um grande interesse pela pregação missionária ou itinerante, isto é, deveriam apoiar energeticamente este ramo de trabalho do nosso.’ (SONNTAGSBLATT, 1898 apud WITT,1996, p. 67)

Obviamente, cabe destacar que os pastores itinerantes não deveriam só promover a germanidade ou combater os “pseudopastores”⁵. Aqueles tinham como primazia a promoção do Sínodo Rio-Grandense para, com isso, auxiliar na organização religiosa de tais comunidades. Junto a essa função, deveriam articular os colonos que se “sentiam” alemães, para que defendessem a germanidade. Por conseguinte, estes deveriam apoiar o trabalho dos pastores itinerantes. Mas, para muitos colonos a Igreja, enquanto uma organização para além dos limites da comunidade local, não tinha significado. “Preferiam se ver livres de tudo que fizesse lembrar a vida na Alemanha. Uma vez que o discurso da maioria dos pastores acentuava repetidamente a necessidade da preservação da cultura e do modo de vida germânico junto com a fé evangélica” (WITT,1996, p. 69), alguns membros ou comunidades viam com desconfiança os pastores itinerantes e não queriam filiar-se ao Sínodo Rio-Grandense. Na visão de pastores da Alemanha e das instituições da qual eles provinham, não era suficiente o aumento do número de comunidades e fiéis. Era igualmente necessário garantir “um elo orgânico que as mantivesse ligadas umas às outras. Com este propósito itinerantes como o P. Dedekind e o P. Arnold se empenharam na implantação dos estatutos sinodais nas comunidades das colônias novas” (WITT, 1996, p. 69). Com isso buscavam constituir a criação de uma comunidade teuto-brasileira unificada. Tendo em vista que, com uma unidade, poderiam mobilizar o grupo para os seus ideais, especialmente frente à esfera política.

Com a criação do cargo de pastor itinerante, foi preciso levantar recursos necessários para a futura manutenção desta função.

A Sociedade de Barmen foi solicitada a auxiliar financeiramente. Já em 1886, o periódico *Der Deutsche Ansiedler*, órgão da Sociedade Evangélica para os Protestantes Alemães na América, publicava em suas páginas a proposta de criação de uma *Turnus-Reisepredigt* (pregação itinerante por rodízio), para a qual as comunidades liberariam seus pastores por um período curto para que estes pudessem viajar, já que não se dispunha de recursos para manter um pregador itinerante. Também em correspondência datada de 14 de setembro de 1889, Fabri, presidente da Sociedade, fazia lembrar à direção sinodal que seria difícil motivar obreiros a assumir um trabalho em condições tão incertas. “Também jovens clérigos daqui não estariam dispostos a se deixar enviar ao complemento incerto”. Mesmo assim, a Sociedade de Barmen não se negava a colaborar. “Entretanto, estamos dispostos a fazer uma tentativa – caso encontrarmos uma pessoa disposta e habilitada para essa tarefa – e a aprovar uma contribuição correspondente, inicialmente por um ano”. (WITT,1996, p. 72)

⁵ Termo utilizado por pastores com formação acadêmica para estigmatizaram os pregadores – sem formação – que atuavam nas colônias do Brasil no período pré-sinodal.

A ajuda de instituições alemãs veio a partir da atuação da Sociedade Evangélica para os Protestantes Alemães na América. A partir dos relatórios do P. Pechmann e do P. Dietschi, o *Der Deutsche Ansiedler* procurava mostrar a urgência e a necessidade de se “prestar auxílio às famílias de imigrantes, pois uma coisa rara estava acontecendo entre os imigrantes alemães: as pessoas estavam pedindo pregação, a palavra de Deus e a participação na Santa Ceia” (WITT,1996, p. 72). No entanto havia dificuldades econômicas para a promoção do trabalho itinerante, as comunidades contribuíram financeiramente para a manutenção desse trabalho, mas não era o suficiente. O presidente da Sociedade de Barmen, Dr. A. Schreiber, em carta dirigida a P. Rotermund e “datada de 1.8.1891, comunicava que um amigo da Sociedade colocara à disposição 2.000 marcos para a criação de um pastorado nas áreas necessitadas e que se dispunha de mais 500 marcos para a pregação itinerante” (WITT,1996, p. 73).

Outro problema foram os conflitos entre os pastores itinerantes, cujo propósito era a promoção e sistematização do Sínodo Rio-Grandense nas comunidades colônias, com os pastores sem formação. No final, ao chegar o término do século XIX e o início do XX, prevaleceu a “visão dos ‘ordenados’”. Com a institucionalização da Igreja Evangélica através da criação do Sínodo Rio-Grandense, em 1886, os pastores enviados da Alemanha para o Brasil puderam dar nova forma para o atendimento pastoral junto às comunidades” (WITT, 2015, p. 84). E com isso, desqualificar os pastores que atuavam nas colônias antes dos Sínodos, estes escolhidos entre os próprios membros da comunidade.

Os pastores itinerantes foram os agentes promotores do Sínodo Rio-Grandense nas comunidades independentes, também foram figuras centrais na tentativa de instituir o ideal da germanidade nas comunidades protestantes nas colônias. Aqueles estavam organizados a partir das diretrizes de ideólogos como Wilhelm Rotermund, que buscava com uma unidade da comunidade teuto, ao menos os teuto-protestantes, a mobilização do seu grupo étnico. Visto que eram grupos fragmentados sem uma possibilidade real de reivindicação frente ao Estado nacional. Para isso, Rotermund utilizou-se da religião e da identidade étnica para unificar o grupo, a partir da promoção de um sentimento de origem em comum, este com símbolos da religiosidade e da etnicidade. Com isso Rotermund proferiu sua máxima que seria repetida à exaustão nas décadas seguintes, “*Kirche und*

Deutschum sind auf Leben und Tod miteinander verbunden”, em tradução livre, “Igreja e Germanidade estão ligados na vida e na morte”.

Por fim, um último ponto a ser argumentado é a diferença entre missionários e pastores. Os primeiros, com uma formação direcionada para a evangelização de novas almas, tinham uma percepção mais voltada para a todos os grupos étnicos brasileiros, enquanto entre os segundos nem tanto. Por isso, os missionários possuíam uma concepção diferente acerca de sua missão junto aos imigrantes. Certamente, houve também entre eles alguns entusiastas em favor da preservação da germanidade. Porém, em geral, compartilhavam a opinião do Pastor Ernst August Kunert, um missionário de Barmen, que “decididamente chamava a atenção para que ‘não se desse ao trabalho eclesiástico uma feição tal, como se estivesse a serviço da ideia pangermanista, a serviço do nacionalismo” (DREHER, 2003, p. 95). Em 1891, Kunert expressava a opinião de que o protestantismo deveria usar a língua portuguesa para ser aceito pelos brasileiros. Opinava que a acentuação da germanidade e sua ligação com o Evangelho deveria ser posta “completamente de lado, pois não se poderia esperar ‘que o brasileiro que viesse a se converter à fé evangélica também tivesse que se tornar alemão em sua maneira de pensar e viver” (DREHER, 2003, p. 95). No entanto, isso não o impediu de dizer que não haveria mal algum “‘caso com o Evangelho fosse trazido uma certa dose de civilização germânica’. Lamentava profundamente que no Brasil o alemão muitas vezes acentuava demais sua nacionalidade” (DREHER, 2003, p. 95). Ele achava errôneo falar de virtudes germânicas, pois, segundo o mesmo, o nível moral mais elevado deveria ser o da Igreja. Por esse motivo, atacou organizações políticas e filantrópicas da Alemanha, que tinham como intuito a preservação da germanidade (DREHER, 2003).

Feita esta explanação da constituição do Sínodo Rio-Grandense e da importância do mesmo enquanto instituição que fomentou o processo de criação da comunidade étnica. Para então, com isso, mobilizar os interesses do grupo étnico frente ao Estado Nacional brasileiro. Agora será descrito os sínodos Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul, popularmente conhecido como Sínodo “Caixa de Deus”; e o Sínodo de Missouri.

SÍNODOS “CAIXA DE DEUS” E MISSOURI

Em 1891, a Federação das Associações Luteranas da Caixa de Deus interessou-se pelos luteranos emigrados na América do Sul. “Essa decisão foi determinada pela emigração de muitos teuto-russos luteranos para o Brasil” (DREHER, 2003, p. 159). Esta questão, da emigração de teuto-russos, foi apresentada pelo pastor Pechmann, em uma palestra da 5ª reunião ordinária do Sínodo Rio-Grandense⁶. Realizada em 22 de abril de 1891, na qual o pastor apela pelo dever dos lá presentes para com os imigrantes. O próprio Pechmann iria averiguar a situação em que se encontravam os teuto-russos no Rio Grande do Sul (FISCHER, 1967b, Documento 7). Com a Conferência de Delegados de 1892, a Associação da Caixa de Deus de Württemberg, prestou esclarecimentos a respeito da situação dos luteranos no Brasil. No relato havia a convicção de que: “Quem ama sua Igreja luterana e nela venera a comunhão da pura palavra de Deus e do uso correto do sacramento pleno de graça não pode ter dúvidas de que nós a devemos a todo o mundo, ao Brasil bem como à América do Sul” (DREHER, 2003, p. 159), sem haver uma menção acerca da questão da preservação da germanidade.

Em 9 de outubro de 1905, na região de Joinville, no estado de Santa Catarina, presidido pelo pastor Otto Kuhr, foi criado o Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul, popularmente conhecido como “Caixa de Deus”. Este sínodo é oriundo de uma iniciativa dos pastores enviados pela Associação Luterana Caixa de Deus (*Lutherischer Gotteskasten*) da Alemanha, por isso o sínodo foi mais conhecido por esse nome. Conforme fica claro no nome do Sínodo, ele atuou na região Sul do Brasil, principalmente em Santa Catarina e Paraná⁷. Dentre os quatro Sínodos que mais tarde vieram a constituir a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), o Sínodo Luterano “Caixa de Deus” foi aquele que apresentava as melhores condições para articular-se em prol da manutenção do caráter germânico de suas comunidades (DREHER, 2003; 2014a; 2014b). “Houve, é certo, alguns pastores e membros de comunidade que lutaram por esse ideal, mas a realidade evidencia que aqui o cuidado com a preservação da germanidade não teve a importância que lhe foi atribuída em outros Sínodos” (DREHER, 2003, p. 158).

⁶ FISCHER, 1967a, Documento 6.

⁷ E outros estados que não são da região Sul do Brasil, logo, não são abordados neste artigo.

Este Sínodo por ter sido oriundo da iniciativa de pastores enviados pela Associação Luterana Caixa de Deus, fez com que os pastores já tivessem uma base confessional uniforme. Salvo algumas exceções, os pastores da Caixa de Deus tiveram sua formação no Seminário para a Missão e a Diáspora, em *Neuendettelsau*. A base teológica e a consciência que tinham os pastores de que eles eram “formados para a diáspora, de que seu envio para o campo de trabalho era vitalício, possibilitaram a formação bastante rápida de um Sínodo e contribuíram para que esse Sínodo tivesse uma determinação confessional luterana” (DREHER, 2003, p. 158). Essa ideia de continuidade e trabalho vitalício na diáspora faltava no contexto pré-sinodal, foi o Caixa de Deus que conseguiu essa façanha, com o apoio da Alemanha. Os pastores formados em *Neuendettelsau*, tinham como interesse primordial a união dos cristãos luteranos em comunidades luteranas, estes, na maioria das vezes eram alemães ou pelo menos de descendência alemã. Mas isso não impediu que, desde o início, estivessem “dispostos a acompanhar luteranos de outra nacionalidade. Também não tiveram dúvidas em dar acompanhamento espiritual a descendentes de alemães que não mais dominavam o idioma alemão” (DREHER, 2003, p. 158). A determinação confessional do Sínodo, correspondia à organização que o mantinha, a Associação Luterana da Caixa de Deus (*Lutherischer Gotteskasten*), instituição esta que tinha como alicerce a preservação e o fomento do luteranismo em todo o mundo, mas não o da germanidade.

Em 1905, quando a Junta Evangélica Alemã de Igrejas publicou seu “Memorando a respeito do atendimento eclesiástico da diáspora no exterior”, as Caixas de Deus rejeitaram-no, “fundamentando sua rejeição com o fato de ‘que o memorando limita o conceito da diáspora no exterior aos alemães do Reino evangélicos ou a compatriotas, acentuando, pois, mais o aspecto nacional do que o religioso’” (DREHER, 2003, p. 161). Os pastores do Sínodo Luterano “Caixa de Deus” se depararam com o fato de que, os pastores luteranos enviados ao Brasil após os primeiros relatórios de Kuhr viram-se confrontados com comunidades organizadas, ao menos de forma parcial, nas quais a “germanidade fora, em grande parte, preservada. Havia escolas, mas como fossem, na maioria das vezes, escolas para confirmandos, não podiam promover a germanidade, como lemos em muitos autores” (DREHER, 2003, p. 161).

Todavia, esta situação veio a se modificar com o passar do tempo, visto que as comunidades não demonstravam indiferença frente aos acontecimentos na Europa, o que

resultou no despertar de uma consciência nacional alemã em todos os Sínodos. “As ‘horas de oração de guerra’, celebradas em Joinville, apresentaram ‘dádivas de horas de oração de guerra’ num total de 150 marcos; nessa comunidade, foram coletados 2000 marcos, no primeiro mês de guerra, para a Cruz Vermelha Alemã” (DREHER, 2003, p. 163). Com isso eles demonstraram que queriam “lutar, sofrer, sangrar, orar e vencer com o seu povo envolvido na guerra”, escreveu o pastor na comunidade, Fritz Bühler” (DREHER, 2003, p. 163).

No ano de 1915, constatou-se em Santa Catarina que “a germanidade só consegue continuar a se propagar através da língua viva’, pois, em virtude do ensino deficiente, a maioria dos moradores das comunidades rurais mal sabiam ler e escrever. Nas cidades, a situação era um pouco melhor” (DREHER, 2003, p. 161), visto que as escolas das cidades eram subvencionadas pelo Reino Alemão. “Uma análise do órgão do Sínodo, o ‘*Evangelische-Lutherisches Gemeindeblatt*’, evidencia que os próprios pastores se preocupavam em primeira linha com o caráter confessional do Sínodo” (DREHER, 2003, p. 161). Até o início da Primeira Guerra Mundial, é difícil encontrar evidências do Sínodo “Caixa de Deus” estar tentando enfatizar seu caráter germânico. Isso só ocorre quando outros Sínodos o acusam. “No primeiro ano de publicação do ‘*Gemeindeblatt*’, o editor defendeu o Sínodo de Missouri, que estava trabalhando no Rio Grande do Sul desde o início do século e que fora acusado pelo Sínodo Rio-Grandense de ‘desviar os alemães no Brasil de sua etnia’” (DREHER, 2003, p. 162). Já o *Gemeindeblatt* “defendeu o Sínodo de Missouri com referência ao fato de ele ‘haver alcançado méritos muito grandes na preservação da germanidade’. Na ocasião, certamente ainda havia esperanças quanto a uma preservação e promoção conjunta do luteranismo” (DREHER, 2003, p. 162).

No contexto da Primeira Guerra, todos os sínodos entraram no debate da germanidade e nacionalismo alemão. Foi somente após a Primeira Guerra Mundial que a situação foi alterada. No início da Guerra, o editor do *Gemeindeblatt* acentuava: “Essa folha não quer outro objetivo que o de edificar o Sião luterano neste país e fortalecer nossas comunidades na boa confissão de nossos pais’. A própria guerra foi vista como um castigo para o povo alemão, pois ele se afastara de Deus” (DREHER, 2003, p. 162). Com o término do conflito, esperava-se que, como uma fênix, ocorreria um renascimento da forma de ser alemã:

‘Nossos corações, orações e ofertas estão do lado de nossa querida velha pátria alemã. Seria falta de gratidão, caso entre nós fosse diferente. Também temos a fundada convicção de que, na natureza alemã, o mundo há de se restabelecer. Não porém, naquela natureza alemã degenerada, na qual as pessoas se enfeitam com cores alemãs, mas atiram a piedade alemã no lixo e consideram a fidelidade alemã loucura sem sentido. Natureza autenticamente alemã está intimamente relacionada com a Reforma alemã’. (DREHER, 2003, p. 162)

A declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha impactou o Sínodo Luterano “Caixa de Deus” da mesma maneira como aos demais sínodos. As medidas adotadas pelas autoridades brasileiras foram as mais diversas. “Enquanto, em Santa Catarina e no Paraná, todas as escolas comunitárias foram fechadas e as atividades eclesiais bastante limitadas, as comunidades no Espírito Santo não foram atingidas por essas medidas, pois o estado de guerra só teve aplicação nos estados meridionais” (DREHER, 2003, p. 162). Os pastores de Santa Catarina e Paraná foram proibidos de pregar por serem considerados agentes do Kaiser. Em diversas comunidades, os templos foram saqueados, mas apesar da proibição da pregação, foram permitidas celebrações litúrgicas em alemão (DREHER, 2003).

Portanto, o caso do sínodo “Caixa de Deus” é interessante para a compreensão do fenômeno do fomento da etnicidade. Pois, se o processo de mobilização do grupo étnico dependesse apenas da influência de instituições alemãs (dimensão analítica macro), o Sínodo Luterano “Caixa de Deus”, é quem seria o maior agente fomentador da etnicidade, pois foi o sínodo que mais recebeu apoio material e pessoal da Alemanha. Mas, isto não ocorreu devido ao fato de não haver tantos pastores engajados (dimensão micro) em prol do ideal pangermanista. Ainda que existissem pastores engajados, estes não articularam a formação de uma instituição engajada no ideal de promoção da germanidade como no caso dos pastores do Sínodo Rio-Grandense. Com isso, demonstra-se, a partir da dimensão analítica médio, a importância da articulação de atores engajados em mobilizar o grupo étnico. Como foi o caso dos pastores Hermann Borchard e Wilhelm Rotermund, estes detentores do fundamento normativo da ação social em prol da questão étnica. Foram pastores como estes que influenciaram em estratégias para organizar a comunidade eclesial em prol da promoção da germanidade entre a população teuto-luterana. Assim, buscaram unificar os pequenos grupos fragmentados até então, oriundos de diversos estados independentes, e muitas vezes, conflituosos entre si, com isso, constituíram um sentido de unidade na identidade étnica. Uma unidade eclesial e

cultural. Tanto o luteranismo como a germanidade manifestavam o sentimento que expressa uma origem em comum no grupo étnico (WEBER, 2009), isso é, uma inter-relação entre etnicidade e religiosidade.

O caso do Sínodo Luterano “Caixa de Deus” ajuda a ilustrar a questão que apenas o apoio material por parte do Estado alemão (dimensão analítica macro) e posteriormente de instituições eclesiais, não bastava para o fomento da etnicidade. Sem atores engajados (dimensão analítica micro) inseridos em uma instituição (dimensão analítica médio) mobilizada em prol da promoção da etnicidade, a mesma dificilmente floresceria. Mesmo que o Sínodo “Caixa de Deus” tivesse melhores condições para promover a etnicidade, por possuir uma maior quantidade de apoio financeiro da Alemanha, e de todos os pastores terem uma formação uniforme. Pela ausência destes serem engajados com o ideal Pangermanista impossibilitou no processo de articulação da etnicidade. Ao menos no período inicial, antes da Primeira Guerra Mundial.

Será analisado agora, o Sínodo de Missouri, criador da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), ao contrário dos dois Sínodos anteriores, que formaram, com outros, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A partir da decisão do Conselho Geral do Sínodo de Missouri, foi instituída a primeira congregação no Rio Grande do Sul em 1900. A IELB foi criada em 24 de junho de 1904, formada a partir do investimento e envio de pregadores norte-americanos, especificamente os descendentes de imigrantes alemães nos Estados Unidos.

A Igreja Luterana Sínodo de Missouri é uma denominação confessional luterana dos Estados Unidos, a segunda maior igreja luterana deste país. O Sínodo de Missouri foi formado em 1847 em Chicago, como *Die Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode von Missouri, Ohio und andern Staaten*. Em 1900 o Sínodo começou a enviar pastores para o Brasil, com o intuito de ministrar para os imigrantes alemães em solo brasileiro, e não a população brasileira de forma geral. Em 1904 o Sínodo de Missouri criou um distrito eclesial para assuntos relacionados ao distrito brasileiro.

O Sínodo de Missouri logrou a maior expansão entre os alemães do Rio Grande do Sul, ao lado das igrejas católicas e evangélicas. Originou-se da América do Norte, reunindo, em 1847, os sínodos de Missouri, Ohio e de outros estados, sob a denominação de Sínodo da Igreja Evangélica Luterana Alemã. A pedido do pastor F. Brutschin de Estância Velha, que conhecia o Sínodo de Missouri através de suas publicações e que pedira um substituto de seu meio para as suas comunidades, chegou em 1900 o pastor C. J. Broders, destacado pelo Sínodo de St. Louis, em 1899, como posto avançado para o Rio Grande do Sul. Iniciou

seus trabalhos missionários em São Lourenço, perto de Pelotas. Em pouco tempo, quatro comunidades se apresentaram para pedir um pastor luterano ordenado. (AMSTAD, 2005, p. 551)

Em março de 1901, chegou o pastor W. Mahler ao Rio Grande do Sul, designado pelo Sínodo como diretor da Missão para todo o Brasil.

Assumiu a direção da comunidade de São Pedro nas proximidades de Pelotas. Ainda no mesmo ano, seguiram-lhe três candidatos à missão de pregadores. O trabalho abnegado e consciencioso dos enviados pelo Sínodo de Missouri em favor da igreja e da escola, tornou-se, sem demora, conhecido e sempre mais comunidades solicitavam seus préstimos. Infelizmente, nem todos os pedidos puderam ser atendidos. Depois de apenas três anos de atividade, eram treze as comunidades sob os cuidados dos missourianos, contando com dez pastores atendendo as igrejas e escolas. (AMSTAD, 2005, p. 552)

No ano de 1904, as comunidades congregaram-se, em Rincão São Pedro, no Distrito Brasileiro do Sínodo de Missouri. “Foram dez as comunidades e 14 os pastores que aderiram. O Pastor Mahler, até então diretor da Missão, ficou como primeiro presidente do novo distrito” (AMSTAD, 2005, p. 552).

Após a criação do Distrito Sinodal, o Sínodo expandiu-se rapidamente. Um fator especialmente favorável foi a política de colonização do Estado, implementada principalmente a partir de 1908, somada ao novo impulso da imigração alemã por ela estimulada. O Sínodo desdobrou-se, a partir do Rio Grande do Sul, para os estados de Santa Catarina, Paraná e a república vizinha da Argentina. (AMSTAD, 2005, p. 552)

Houve conflitos entre o Sínodo Rio-Grandense e o Sínodo de Missouri por conquista de fiéis entre a população teuto-brasileira. Entre os instrumentos desta disputa, o Sínodo de Missouri manteve o uso da pregação em alemão como uma alternativa para angariar mais fiéis. Estratégia usada também pelo Sínodo Rio-Grandense. O uso do alemão pelos dois sínodos, além de ser uma maneira de atrair os colonos alemães, também era uma forma para os mesmos não optarem por igrejas que usassem o português em suas pregações. O Sínodo de Missouri também tinha a vantagem de poder contar com o fato de ter bastantes recursos materiais dos Estados Unidos para auxiliar as comunidades que se filiassem a ele. Embora tenham defendido que eram contrários ao ideal da germanidade, tiveram pastores favoráveis. Mas, da mesma forma que no caso do Sínodo Luterano “Caixa de Deus”, não havia atores engajados (dimensão analítica micro) e nem uma instituição (dimensão analítica médio) promovendo ativamente uma articulação

entre etnia e religiosidade. Outra diferença é que, devido ao fato do Sínodo de Missouri ser oriundo dos Estados Unidos (dimensão analítica macro) pouco se interessava pelo debate pangermanista. O uso da língua alemã e outros elementos culturais alemães foram mais utilizados como um elo para a conquista de fiéis para o Sínodo, pois a maioria dos colonos falava o alemão cotidianamente, todavia, não como promoção do Estado alemão recém-unificado. Isto ocorria devido ao fato de tanto o Sínodo Rio-Grandense quanto o de Missouri terem como alvos principais o mesmo público, teuto-brasileiros evangélicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo, buscou-se apresentar o conceito de etnicidade descrito por Fredrik Barth (2003), com ênfase na dimensão analítica médio, que visa compreender os processos que criam a comunidade étnica e que mobiliza os grupos para diversos propósitos. Para isso foi analisado o fomento da germanidade a partir da institucionalização do Sínodo Rio-Grandense. Demonstrou-se que apenas a dimensão *macro* não pode explicar o fenômeno da etnicidade teuto-brasileira, isso é ilustrado no caso do Sínodo Luterano “Caixa de Deus”, que embora tivesse recebido maior apoio financeiro da Alemanha e, possuísse pregadores formados com uma mesma base confessional de formação, faltou a articulação de uma instituição engajada para o fomento da germanidade. O que ocorreu com o Sínodo Rio-Grandense. Isto deve ser somado ao fato de que atores deste Sínodo criaram estratégias para a conquista de novas comunidades fazendo com que elas se filiassem ao mesmo. Para isso utilizaram a figura do pastor itinerante, que promovia o Sínodo e buscavam, com isso, constituir uma unidade entre os teuto-luteranos. Os pastores itinerantes também defendiam a *kultur*, o nacionalismo germânico e combatiam os pseudopastores. Um fator a ser destacado é que não se pode considerar que a articulação da etnicidade ocorria apenas pelo uso da língua alemã, pois o Sínodo de Missouri também ministrava suas pregações em língua alemã, assim como o Sínodo Luterano “Caixa de Deus”. O uso do alemão nas pregações foi utilizado como um instrumento na disputa por fiéis teuto-protestantes. Logo, o fomento da etnicidade era um ideal de muitos pastores que tiveram sua formação acadêmica alemã e estavam inseridos nos debates pangermanistas da época.

O Sínodo Rio-Grandense mostrou-se como o mais apto promotor da etnicidade entre os descendentes de alemães no Brasil, ao menos entre os evangélicos. As comunidades independentes eram alvos de recrutamento para o sínodo, ao mesmo tempo que os pregadores de então eram “inimigos” a serem combatidos ou convertidos. O Sínodo Rio-Grandense buscou revitalizar a imagem do pastor viajante, aquele que transitava entre as colônias para realizar o serviço eclesiástico no período inicial da colonização. Por isso, constituiu-se a figura do pastor itinerante, este foi um importante ator para a promoção do Sínodo Rio-Grandense que tinha como finalidade que as comunidades independentes aderissem a este; assim como, agentes de combate contra os pregadores independentes; e também promotores da germanidade.

Apresentou-se neste artigo que, embora pudessem ter pastores de outros sínodos – ou independentes - entusiastas de ideias pangermanistas em prol da *Deutschtum*, devido ao fato de não possuírem uma organização que mobilizava o grupo e sem o apoio financeiro de instituições alemãs, não tinham como formar uma unidade no grupo de descendentes de imigrantes. Diferente do que ocorreu com o Sínodo Rio-Grandense. O nível analítico *médio* busca verificar os processos que criam e mobilizam a comunidade, da mesma forma, articula os grupos a vários propósitos. Em complemento, percebe-se que a institucionalização dos sínodos, foi um importante fator para o fomento e a propagação da etnicidade teuto-brasileira, especialmente o Rio-Grandense, pois desde o seu início buscou fomentar o ideal da germanidade. Neste contexto a inter-relação entre germanidade e luteranismo era considerada como intrínseca.

REFERÊNCIAS

AMSTAD, Theodor. **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul – 1824-1924**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2005.

BARTH, Fredrik. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. IN: Org. VERMEULEN, Hans; GOVERS, Cora. **Antropologia da etnicidade**. Para além de "Ethnic Groups and Boundaries". Lisboa, Fim de século, 2003.

DREHER, Martin Norberto. **Wilhelm Rotermond: seu tempo – suas obras**. São Leopoldo, Oikos, 2014a.

_____. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças**. São Leopoldo, Oikos, 2014b.

_____. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo, Sinodal, 2003.

FENTON, Steve. **Etnicidade**. Lisboa, Instituto Piaget, 2003.

FISCHER, Joachim. Dokumente zur Geschichte der Rio-Grandenser Synode. 1. Teil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.7, n.1., p. 94-110, 1967a.

_____. Dokumente zur Geschichte der Rio-Grandenser Synode. 2. Teil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.7, n.2., p. 94-110, 1967b.

ROTERMUND, Wilhelm. **Os dois vizinhos e outros textos**. Porto Alegre, Edições EST, 1997.

_____. **Fibel für Deutsche Schulen in Brasilien**. São Leopoldo, Porto Alegre, Verlag Rotermund & Co, 1928.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 1. Brasília, Editora UNB, 2009.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: estratégias políticas, imigração alemã. Rio Grande do Sul – Século XIX. São Leopoldo, Oikos, 2015.

WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e colonização**: a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense. São Leopoldo, Sinodal, 1996.